



REDACTORES

DOMINGOS GUIMARÃES

JOÃO PINTO



# A JOIA

REVISTA QUINZENAL LITTERARIA

DEDICADA ÀS DAMAS VIMARANENSES



REDACÇÃO

RUA DAS LAMELLAS

N.º 37



NUMERO 8

GUIMARÃES 10 DE ABRIL DE 1888

2.ª SÉRIE

## SUMMARIO

*Chronica*, por Domingos Guimarães—*Perolas Soltas*, por Francisco Bourbon Peixoto—*A' Laura*, por Sá-Lino—*O Poeta das Estrellas*, por Jayme Filintio—*Pombo*, por João Pinto—*Livros e Jornaes*—*Palcos e Salões*—*Annuncios*.

## Chronica

Acabo de chegar e vejo a face de vossencia perolada do finissimo orvalho da lagrima. Chora minha senhora, no finissimo iris dos

seus olhos castanhos e serenos ha a expressão de uma tristeza infinita. Vossencia reconstrue na sua mente horrorisada aquella immensa tragedia d'agonia, vê de repente corpos que ainda n'aquelle instante palpitavam de vida estorcerem-se no meio de uma dor indisivel, esmagarem-se nos angulos da treva, convulcionarem-se sem ar, suffocados pelo fumo olhando mudos de pavor para o fogo que como uma luzerna os assalta, queimando-os, tisonando-lhe as carnes, triturando-lhe os membros n'um circulo fatal de desolação cheia de

tormentos, de morte cheia de crueldades. Vossencia é mãe e para aterrorizada ao pensar na dor sem limites d'aquella mãe que estreita ao seu seio o filhinho que ella adorava; vossencia é irmã e avalia a angustia de ver morrer envolta em chamas a irmansinha querida; vossencia é noiva e conhece a afflicção que sentiria se soubesse que aquelle moço sympathico e bom que adora morrerá n'um paroxismo de dor tendo o seu nome a expirar-lhe nos labios. Chore minha senhora que os vapores do seu pranto hão-de condensar-se n'uma chuva finissima de ouro que cahirá por sobre a cabeça das pobres creanças a quem o incendio roubou as mães, amigos, como uma benção de luz e de afagos...

\* \* \*

E' muito boa christã, bem sei, minha senhora. Vossencia, uma expressão archangelica no olhar segue n'uma palpação de anciedade todo o desenrolar da immensa tra-

gedia do Calvario. Vae, o passo caccioso de uma ave, essa carinha tão encantadoramente meiga de uma alvura de lyrios emergindo castamente, suavemente dos arabescos negros da sevilhana. ao Passo onde em figuras de um primor duvidoso de esculptura vê o Christo no Horto, a varanda de Pilatos e o beijo do Traidor emquanto um luar doce de inverno põe esmaltes azulados no seu perfil e Romeus de monuculo e luva preta ciciam segredos ás suas Julietas. Assiste depois no Lazaro ao prepassar de Christo que vai caminho do Golgotha uma doçura de perdões e de meiguices, e padece com elle á noite ao vel-o estendido e morto no pobre esquite engrinaldado de rosas. Sente confranger-se-lhe o coração quando na quinta feira santa, levando ás egrejas a suprema graça do seu ar senhorilmente ideal e quando dos seus labios puros, de fada brotam coisas esquisitas e doces que a chronica quizera saber soletrar vê enterrar o Christo coração de rapaz sonhador,

loiro visionario e por entre os choros suavissimos das tres Marias e os canticos dolentos dos conegos e vossencia que ama tambem um rapaz poeta sente baillar uma lagrimasita de dor nos cilios avelludados e longos do seu rasgado olhar E fica triste, veste de negro, impõe-se uma abstinencia de *menu* e jejua. Mas vem o sabbado o Christo, o pallido Galileu resurge por entre auroras de luz e de festas, o olhar de vossencia anima-se, no seu labio sente-se o bater d'azas de um sorriso feiticamente alegre, enverga um vestido claro, de estação e manda tapetar de rosmaninho e de rosas a casa para receber o bom Jesus que se digna fazer-lhe uma visita apresentado pelo Parocho da sua freguezia. Alleluia! Alleluia!

\* \* \*

Deante de minha casa havia este anno um Judas. Não o Judas tradicional de papelão, a barriga cheia

de palha e casaca repleta de bombas, mas um Judas *comme il faut* um Judas dandy que pertence á academia e corre no Hipodromo, todo um luxo de toilette mirabolante, calção de casemira vermelha, jaqueta azul de *osmani*, calçando luvas de um amarello lucilante. correcto, distincto.

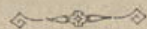
E o povo lamentava-o, admirava-o com um respeito instinctivo havia até mulheres que não desgostavam d'elle... Se elle já a essa hora devia estar regenerado se elle já tinha morrido tantas vezes...

E os mais intransigentes estavam dispostos a perdoar; porque ainda aos seus olhos baillavam as scenas pavorosas do Baquet.

De repente batem dez horas, n'um largo oh de admiração idiota o povo abria as frentes cheias de pasmus. Queimal-o hiam decerto, nada lhe valeria já, e resignavam-se. Mas subito como n'uma magia o Judas desprega-se do cordel, repoltra-se n'uma maca e um menino do coro atraz tilintando uma cam-

painha é levado pela cidade como um borguez em dia de festa. O povo ria-se, o mulherio applaudia e eu chorava a tradição que lentamente, insensivelmente ia morrendo tropega e escalavrado...

DOMINGOS GUIMARÃES.



## Perolas soltas

(A JOAQUIM MASCARENHAS PACHECO)

Declinava um dia formosissimo. Aos crystaes do arrebol succediam as amethystas do crepusculo vespertino; as scintillações diamantinas da alvorada eram embuçadas pelos dubios reflexos da lua e os sorrisos angelicaes da aurora alvinilente, maga, lucida e rebrilhante eram substituidos pelas lagrimas amargas da noite baça, silenciosa, tristonha e meditabunda.

A nivea açucena da madrugada auri-fulgentissima desfolhou-se desbotada, languida, resequida e o vio-

lacio 1780  
desabrochou altivo, formoso, inebriante, seivado de vida e alardeado de pujanças.

O sol tinha tombado nas fauces do Occidente lentamente em convulsões de saudade e em fremito de languidez cravejado de rubins e granadas ensanguentando, ora a magestosa vastidão dos mares que em revoltosos cachões espumava, ora as cristas das serranias que alterosas, pujantes e toucadas d'arminhos se erguiam nos páramos do sol, como imponentes e magestáticas se perdem na immensidade dos espaços as esguias agulhas da Cathedral de S. Paulo em Londres e esse candelabro universal, ingente suspenso na abobada dos ceus para alumiar o templo da natureza balbuciava tristemente, melancolicamente por entre as franjas acerejadas do horizonte: *muitos que hoje allumiei não allumiarei amanhã e mesto, e pansativo, e saudoso e flebil esconden-se nas tumbrias tetricas do accaso deixando-me só na*

praia envolta no denso veu das crepés, no espesso veu das trevas.

la alta a noite. Sentei-me na areia embebido em profundas cogitações. A pallida rainha da solidão e da poesia campeava amena no ceruleo firmamento e phantasticamente dardejava mortifcos reflexos, fugazes clarões, tremelusentes lampejos, narcisando-se vaidosamente na grandiosa imponencia das salsas aguas.

Os diamantes do Eterno, essas centelhas aurilusentes, mais fulgidos que as riquissimas pedrarias da Rainha Victoria e mais scintillantes que as faiscas resultantes da combinação das duas electricidades, coruscavam e rutilavam patenteando aos mortaes a omnipotencia do ser absoluta e infinitamente perfeito.

O oceano torbulento, esse gigante encouraçado de aço da mais rija tempera, esse mundo de cetaceos gigantescos e narvaes collosaes, esse infinito vivo na lingua-gem d'um erudito escriptor, esse

leão de jubas espumosas na expressão de Luiz Guimarães, e na opinião do laureado romancista Julio Verne o oceano é um immenso deserto em que o homem nunca está só, porque sente a vida estremecer-lhe em derredor e em accrescento: é um lago incommensuravel de riquezas, preciosidades, maravilhas e primores; ahi se encontra vida e exuberancia nos tres reinos da natureza—animal, vegetal e mineral.

Não faltam os zoophitos em seus dous grupos polypos e echinodermes: as pennatulas, as gorgonias, as esponjas, as toliporas, as asterias, as comatulas, as estrellas do amor, os ouriços etc. etc.

Não faltam os melluscos em sua immensa variedade, nem os coraes, nem as perolas cor de rosa, verdes, amarellas, azues e negras.

O mar é o vasto reservatorio da natureza, dizia um fecundo publicista, e ao mesmo tempo que denotava magestade, incutia-me terror porque bramia com furia insa-

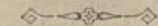
na, espumava com effervescencia atroz, barafustava com raiva leonina com fragor medonho, tumultuava com sanha inaudata, retumbava com atroadores mugidos, marulhava com impeto acerbo, debatia-se com rancor desmedido e grandioso, imponente e sublime empallava-se, em escarceos altisonantes, entonados, tumentes, que respresbravam em escarpadas penedias e algozes recifes e gemebundas desmaiavam e plangentes rolavam e queixosas deslisavam mas myriades areias da plaga beijando-as e lambendo-as com a maior effusão de ternura e languidas escoavam-se deixando apenas alguns rolos de rendilhada espuma que a subtil aragem logo dispersava.

Era já muito tarde. Abandonei a praia com o espirito arrombado mas surprehendentes e arrebatadoras maravilhas da natureza; a lua sempre meiga e fascinadora como os trinados que o rouxinal medula na espessura da reiva e gentil e esbelta, como a mariposa que se es-

panejar aos brilhos do sol, envia-me oscuros de poesia e amor, suspiros d' affecto e eu ebrio de enthusiasmo e delirio pelas sublimidades que acabara de presenciar disse-lhe por entre auras tepidas e balsamicas *que só Deus é grande e grandiosas são as suas obras.*

Coimbra—3—2—88.

FRANCISCO BOURBON PEIXOTO.



À Laura

(Do hespanhol)

Avantaja a côr desses teus cabellos  
Ao azeviche mais negro e luzente,  
E teus labios e bocca sorridente  
Aos coraes e rubis puros e bellos.

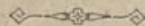
Vencem teus olhos, Laura, os são vidrilhos  
Do astro d'oiro e carmin sempre folgente,  
E, como elle, deslumbram; mas se sente  
Desvairado, infeliz, quem vê seus brilhos,

Teus dentes são marfim do mais precioso,  
E tuas faces, Laura, ao mais bonito  
Carmim da rosa ganham em belleza...

Mas tambem, ó tristura! o desdenhoso  
Teu coração e peito de granito  
Ao diamante avantajam em dureza.

Fafe, 1887

SÁ-LINO.



## O Poeta das Estrellas

(De Louis Bouilhot)

À MEMORIA DE ALBERTO MALHEIRO

### I

Desesperado e sombrio  
modulou sentida trova,  
sentado á beira do rio,  
como á beira d'uma cova.

E cantou com tanta magna  
do amor e gloria os tormentos,  
que fez até por momentos  
soluçar a propria agua.

Do mysticismo no enleio,  
as estrellas luzidias,  
até pararam no meio  
das suas brancas theorias.

### II

E, n'um luminoso choro  
feitas estrellas cadentes,  
tombam no rio trementes  
como enormes sequins d'ouro!...

Atirou-se o poeta á agua  
e, ó prodigio, agarrou uma  
e duas e quatro... a magna  
tornou-se bolha d'espuma.

E n'um platonico adeus  
a hypocondria desterra.  
—Saldam-se contas na terra  
com a moeda dos ceus!

### III

Chega a casa d'um padeiro:  
«Toma um astro e dá-me um pão!»  
«Lu vendo só por dinheiro,  
garde essa constellação.»

Corre á taverna da rua,  
bate á porta e mostra um astro.  
«Não se abre a porta, poetaastro,  
a quem anda com a lua.»

## IV

De madrugada, uns obreiros,  
ao irem para a officina,  
viram junto a uns rafeiros,  
holocausto da strychnina,

um cadaver, que apertava  
nas mãos frias, amarellas,  
um grande feixe d'estrellas  
sanguíneas, da cor da lava!...

## V

Dorme, poeta, aguia morta,  
que só pagavas com mundos!  
Debalde se bate á porta  
dos taverneiros immundos!

\*

Um dia, quando o coveiro  
as sepulturas remove,  
verá d'uns soes o luzeiro  
brilhar nas fendas da cova...

E, a fortes golpes d'enchada  
quebrando a louza sonora,  
fará jorrar uma aurora  
da tua campá sagrada!

JAIME FILINTO

## Pombo

«Chamava-se Pombo... Bonito  
cão que elle era, na verdade. Tinha  
o pêlo curto, macio, lustroso, bran-  
co, pintalgado de negro, as orelhas  
compridas e pendentes, os olhos  
grandes, bondosos, d'uma suavida-  
de e meiguice extranhas, indefini-  
veis. Um soberbo perdigueiro!

«Salvou me a vida uma vez,  
tinha eu então dezoito annos...  
Foi ahí pelo tempo da romaria das  
Dóres. Isto de romarias, meu caro,  
servem só para a gente fazer to-  
lices, qual d'ellas mais graúda,  
principalmente quando se está nas  
verduras da mocidade e se tem uma  
cabeça estouvada como eu tinha.  
N'essa tarde estroinara desenfrea-  
damente em companhia de meia  
duzia de rapazes de boa feição,  
alegres e tão estroínas, pelo menos,  
como eu. Quando sahi da romaria  
era noite fechada havia muito. A  
cabeça pesava-me extraordinaria-  
mente, o que causaria sem duvida  
espanto a quem soubesse como eu

costumava trazel-a sempre leve, e  
as pernas mostravam se rebeldes  
em andar. Tudo effeitos do nosso  
vinho minhoto, d'aquelle bello vi-  
nho que tu deves conhecer de so-  
bra, ó João Antonio...»

—Se conheço!... disse eu ri-  
do de boa vontade, porque me vie-  
ra á lembrança uma scena passada  
em casa do meu amigo, quando o  
fui visitar, ha de haver dois annos,  
á sua esplendida quinta do Minho.  
—Sei muito bem... E' um sujeiti-  
nho que faz cócegas pelas guellas  
abaixo, quando se bebe... Mas,  
continua.

«Para chegar a minha casa tí-  
nha de passar um ribeiro que me  
atravessa os campos. Tu sabes qual  
é. Pois imagina lá: eu, que bem  
conhecia o estado em que vinha e  
sentira perfeitamente o trabalho  
com que caminhara pouco antes  
pela estrada que passa perto da  
quinta, teimeei em o atravessar só-  
zinho sobre as tábuas carunchosas  
e mal seguras que faziam as vezes  
de ponte e que na epocha das gran-

des cheias eram levadas como penas ao sabor da corrente. Que imprudencia! Mal chegara a meio d'aquella ponte, extremamente primitiva, cambaleei e despenhei-me na agua fria que me reanimou alguma coisa, sem todavia conseguir abordar a qualquer das margens. Por mais esforços que fizesse, trabalho baldado! Arrastado pela corrente que ia bastante rapida, devido á chuva dos dias anteriores, corria risco de me entalar, alguns metros mais abaixo, entre as rodas d'um moinho, onde a agua redemoinhava com violencia e estrepito ensurdecedor, quando me senti agarrado pelo pescoco. Por quem? Isso não poderia eu dizer-o, porque nem o diabo seria capaz de me acordar do profundo lethargo em que fiquei mergulhado logo que me senti deposto sobre as silvas e trepadeiras da margem. De manhã abri os olhos. Bafejava-me as faces um halito quente, morno. Era o Pombo que me lambia a cara, fitando-me com os seus olhos inteligentes e vivos. Tinha sido elle

quem me salvara, atirando-se á agua pouco depois de mim, o que é realmente muito de apreciar n'um simples perdigueiro como elle era. E o que é verdade é que, sem a sua arrojada intervenção não estaria eu agora aqui a contar-te esta verdadeira historia, nem esvasiaria este calice de kumell que me parece ser o quinto ou sexto desde que estamos aqui ambos.»

—Valente cão! observei eu limpando os beiços depois de ter esvasiado tambem o meu calice.—E' de crer que desde então tu e elle ficasseis amigos inseparaveis, não?

«Durante dois annos só, respondeu o meu amigo annuviando-se-lhe a fronte um pouco, E eu te conto como ao fim d'esses dois annos se quebrou aquella especie de amizade que nos prendia mutuamente, e a que o Pombo tinha incontestavel direito pela sua dedicação generosa.

«Conhece a Emilia Seabra, aquella que casou ha tempos com o brasileiro da Ponte?

Pois bem. N'ess epocha a Emi-

lia era uma rapariga deliciosa, possuidora d'uns magnificos olhos pretos e d'um cabello mais negro ainda. Alem d'isso era um bom partido para casamento, ali na aldeia onde escasseavam as mulheres n'estas condições. Não admira, pois, que os pretendentes á sua mão andassem á roda d'ella como os mosquitos por sobre uma lagarada de vinho. Eu tambem era um d'esses e, mais feliz que os outros, consegui, á custa de muitos exforços, ser o preferido. Todas as noites ia passar algumas horas agradaveis no jardim d'Emilia, sempre acompanhado do fiel Pombo que desde a scena do ribeiro se tornara o meu companheiro inseparavel n'estas excursões nocturnas... Mas parece-me que a historia te está interessando mediocrementemente, ó João Antonio. Abres cada bocca...»

Nada, pelo contrario! atalhei eu. A historia interessa-me mais do que pensas. Continua, pois.

«Como te dizia, as entrevistas eram no jardim, lá por altas horas

da noite. Sentavamo-nos ambos n'um banco e o cão ficava de sentinella, muito calado, o ratão, como se conhecesse toda a importancia da obra de que era incumbido. Certo podia eu estar de que nenhum desmancha-prazeres rondaria por aquellos sitios sem que o cão dêsse rebate da sua aproximação. Soberbo perdigueiro! torno a repetir.

«Mas uma noite... Isto são coisas que nunca esquecem, João Antonio. Uma bella noite de verão andava eu no parque, como de costume, a rondar a casa d'Emilia quando ouvi passos pesados no jardim... Tractei de me occultar o mais que pude e de fazer calar, não sem custo, o cão que principiara a rosnar de maneira muito pouco tranquilisadora para o passeante nocturno. N'esse momento a lua bateu de chapa no rosto do desconhecido: era o pae d'Emilia. Atormentado de certo por alguma insupportavel dôr de dentes, viera espárecer até ao jardim, sem suspeitar de nada, pois vinha em cabello e com as mãos

negligentemente mettidas nos bolsos. Tranquilisado por este lado, deixei-me ficar em silencio, occulto sob uma densa ramada, á espera de que o velho morgado entrasse em casa. Todo o meu trabalho, e não pouco, consistia em socegar o Pombo, vendo-me até na necessidade de lhe atar o lenço no focinho para abafar as suas rosnadellas, cada vez mais ameaçadoras.

«De repente soltei um grito de raiva ou antes uma praga que não pude reprimir. O cão escapulira-se-me das mãos e avançara ladrando furiosamente. Estava perdido e descoberto porque todos o conheciam como meu, uma legua em redondo, e sabiam que me costumava acompanhar para toda a parte onde eu fosse. Imagina que situação a minha! Para não acabar de deitar tudo a perder com a minha presença, retirei-me prudentemente sem que o pae d'Emilia me visse, e já longe assobiei ao cão que veio, ladrando sempre. Então, dando largas a raiva surda que me refervia

no peito, puxei da espingarda que não largava nunca de noite, apontei e fiz fogo. O cão deu uma volta sobre si mesmo e caiu fulminado. Tinha-lhe atirado á cabeça, a elle, ao meu velho amigo e inseparavel companheiro de tanto tempo, que me salvara a vida uma vez...»

O meu amigo tinha os olhos humidos e a voz um pouco demudada, tremula. Ficou-se alguns momentos a olhar vagamente pelo café cheio de ruido e fumo, e depois, quebrando o silencio que tinha feito, continuou:

«Durante alguns dias não senti a falta do meu fiel rafeiro, porque tinha para me indemnisar d'ella a presença d'Emilia. E é de crer que nunca me tivesse arrependido da morte traçoeira que dera ao meu cão se, algum tempo depois, não findasse aquelle idyllio que me trazia alheiado pela esphera dos sonhos...»

(Continua).

Guimarães.

JOÃO PINTO,